

SUSTENTABILIDADE: PEQUENAS EMPRESAS MAIS SUSTENTÁVEIS

SUSTAINABILITY: SMALL BUSINESS MORE SUSTAINABLE

Débora Afonso de Araujo Sandim*

Carlos André Bonganha**

RESUMO

A sustentabilidade nas grandes empresas tem sido discutida desde a década de 70, onde as indústrias de diversos segmentos sempre estiveram no foco para a diminuição da emissão de poluentes, fabricação de produtos com recursos naturais renováveis, assim como a utilização de embalagens que possam ser recicladas e facilmente degradadas. Com o intuito de resolver os agravos com relação à natureza, a proposta de mudança tem sido lenta desde então. O fato da cultura enraizada na população da maioria dos países de que esses recursos naturais não acabarão tão cedo, acelerou o processo de esgotamento de fontes e o colapso que estamos presenciando atualmente. Precisa haver não apenas uma mudança mecânica no sistema de fabricação das indústrias, mas também uma transformação cultural no estilo de vida das pessoas, em geral. Esse estudo se propõe a buscar e experimentar novos hábitos a partir de pequenas empresas. A valorização dos recursos naturais, a implantação de fontes de energia renováveis, reutilização de água, diminuição ou cessão dos desperdícios farão parte de um novo modelo de gestão administrativa com ênfase na valorização dos recursos naturais. Para que as pequenas empresas se sustentem nas próximas décadas, será necessário esse investimento. A ideia de começar pelas pequenas empresas é visionária e inovadora, pois, apesar de menor a parcela de poluentes, de consumo energético e hídrico, a sustentabilidade destas empresas depende desses recursos. Quanto mais escassos os recursos das concessionárias, mais dispendiosos serão. Quanto maior o repasse para o consumidor, maiores serão as pequenas empresas fechadas num futuro muito breve. Essa transformação no estilo de vida é determinante para que possamos pensar em tranquilidade e ascensão da economia com danos menores ao meio ambiente.

Palavras-chaves: Sustentabilidade. Transformação. Meio Ambiente.

ABSTRACT

Sustainability in large companies has been discussed since the 70s, where industries from various sectors have always been in focus to reduce the emission of pollutants, product manufacturing with renewable natural resources and the use of packaging which can be recycled and easily degraded. In order to solve the grievances regarding the nature, the proposed change has been slow since then. The fact of the culture rooted in the population of most countries of these natural resources will not end anytime soon, sources accelerated the depletion process and the breakdown that we are currently witnessing. There needs to be not only a mechanical change in the manufacturing

* Graduada em Administração pela Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE). Bolsista de Iniciação Científica com fomento da própria Instituição. deboraafonso83@hotmail.com

** Docente da Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (FATECE), orientador do projeto. candre bonganha@gmail.com

industries of the system, but also a cultural transformation in the lifestyle of people in general. This study aims to seek out and try new habits from small businesses. The enhancement of natural resources, the deployment of renewable energy sources, water reuse, reduction and disposal of waste will be part of a new administrative management model focused on valuing natural resources. For small businesses be sustained in the coming decades, this investment will be needed. The idea of starting with small businesses is visionary and innovative, because despite lower the amount of pollutants, energy and water consumption, the sustainability of these companies depend on these resources. The more scarce the resources of the utilities, will be more expensive. The greater the pass-through to the consumer, the greater the smaller companies closed in the very near future. This transformation in lifestyle is crucial for us to think about peace and the rise of the economy with less damage to the environment.

Keywords: Sustainability. Transformation. Environment.

As diversas definições do termo desenvolvimento sustentável ao longo das décadas geraram uma clara contradição em seus argumentos. Baroni (1992) descreveu alguns conceitos. Em um deles, fala-se em desenvolvimento sustentável implicado a usar os recursos naturais de maneira a não degradá-los ou eliminá-los, ou diminuir sua utilidade para gerações futuras, usando os recursos minerais não renováveis de forma que não necessariamente se destruam o acesso. Logo em seguida, a mesma definição defende a exaustão dos recursos energéticos não renováveis numa taxa lenta o suficiente para garantir uma alta probabilidade de transição social ordenada para as fontes de energia renováveis. Ou seja, na década de 90, a definição de desenvolvimento sustentável pregava utilizar os recursos naturais com consciência até o final para criar fontes de energia renováveis e fazer essa transição. Infelizmente, a falta de consciência e o despreparo estão ficando cada vez mais destacados atualmente.

A sustentabilidade corporativa induz a um novo modelo de gestão de negócios, pois considera as dimensões econômico-financeira, ambiental e social. Esse tripé da sustentabilidade é uma tendência do planeta no mundo dos negócios para sobreviver a crises, para que a disponibilidade de recursos naturais que temos acesso hoje seja a mesma para gerações futuras (ZYLBERSZTAJN, 2010).

O despertar mundial da consciência ecológica surgiu em uma Conferência sobre a Biosfera realizada em Paris, em 1968, por especialistas em ciências. Em 1970, reuniu-se o Clube de Roma, alertando as autoridades para o problema do desenvolvimento econômico, com críticas aos efeitos prejudiciais ao meio ambiente decorrente da atividade industrial e crescimento econômico. Estudos dessa época já apontavam efeitos

catastróficos para meados do século XXI, tais como: envenenamento geral da atmosfera e das águas, escassez de alimentos, bem como o colapso da produção agrícola e industrial, decorrentes da crescente escassez e esgotamento dos recursos naturais não-renováveis (SOUZA, 1993).

Dentro das atividades produtivas ou prestadores de serviços há as externalidades. As externalidades positivas geralmente são baseadas com as oportunidades de emprego e melhoria da qualidade de vida de comunidades por volta da instalação de uma indústria no local. Já as externalidades negativas abrangem a poluição do ar, a emissão de gases de efeito estufa, o aumento de ruído e um crescimento desordenado de determinado local em função de uma interferência não planejada por parte de uma atividades produtiva (ZYLBERSZTAJN, 2010).

As empresas que tem consciência desses impactos que suas atividades podem causar ao ambiente no qual estão inseridas, seja no meio ambiente ou meio social, agregam uma cadeia de valor. A sustentabilidade corporativa prega a maneira como é realizado seus negócios, bem como os tipos de negócios. Uma quebra de paradigma é a prestação de contas e compromissos públicos (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Um novo pensamento da sociologia econômica trouxe reflexões como propulsão ao desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, a temática passou a ser incorporada didaticamente no final do século XX. A partir do momento em que o capitalismo conquistador parece se colocar no campo econômico, a necessidade de intervenções sociais das quais ele pretende prescindir ganha uma amplitude jamais vista até então (LÉVESQUE, 2007).

Os princípios de sustentabilidade estão sendo aplicados nos manuais de ética das empresas e precisa de uma ação efetiva para que haja uma permanência e cumprimento de todos. Para tal, é fundamental, também, a mudança cultural. Em 2010, foi realizada a COP-15 com resultados além dos esperados. A temática da sustentabilidade chegou à campanha brasileira e parte das empresas brasileiras assumiram novos compromissos sustentáveis. O reconhecimento do momento crítico gerou o alerta para mudanças efetivas nos meios de produção e nos modos de consumir, visto que os danos causados pelas agressões ao meio ambiente serão devastadores para a economia do planeta (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Dados sobre clima e vegetação nas Américas, retratados por Villalba et al (2008), revelam que, apesar da Floresta Amazônica ser a floresta tropical mais extensa e a maior parte dela estar no Brasil, num período de apenas quatro décadas, entre 1960 e o

ano 2000, foram desmatados 15%, ou seja, de 4,1 milhões de km², a partir de 2001 tínhamos 3,485 milhões de km². Ambientalistas estimam que até 2025 tenhamos perdido 75% da floresta para o desmatamento caso não haja contenção eficaz.

O desafio da atual geração é ter coragem de fazer o que muitos consideravam ser impossível para salvar a Terra. Os próximos anos representam uma grande oportunidade para estabelecermos novas bases de crescimento capazes de transformarem a economia e a sociedade. A economia depende do ambiente. Sem ele, a economia estará destruída. Faz-se necessário um sacrifício para a economia num período de recessão por meio de redução de riscos e de investimentos que vão criar um planeta mais seguro, limpo e com uma economia mais forte (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Com a internacionalização e desenvolvimento do mercado global de capitais, as empresas passaram a ser cobradas e a terem que assumir sua parcela de responsabilidade com a sociedade. No Brasil, houveram essas mudanças a partir da década de 1990, por motivadores internacionais. Sob a atual pressão mercadológica e da sociedade, a empresa que não incorporar o conceito de sustentabilidade, verdadeiramente, em sua gestão de negócios, possivelmente terá dificuldades de sobreviver às próximas décadas (ZYLBERSZTAJN, 2010).

O Pacto Global, criado em 2000, estabeleceu as Metas do Milênio, onde foram estabelecidos indicadores de referência para serem assumidos pelos países aderentes. A incorporação de critérios socioambientais proporciona melhor mapeamento de riscos e oportunidades. A partir daí, abriu a oferta de linhas de crédito de financiamento e programas que fomentem a qualidade de vida da população e o uso sustentável dos recursos naturais, levando em pauta os impactos e custos socioambientais, bem como promover o consumo consciente de recursos naturais e derivados deles nos processos internos (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Uma pesquisa realizada no Ceará, em 2010, por Pimentel et al, buscou, através de questionários, informações sobre o desenvolvimento sustentável das empresas da região. Ela utilizou dois indicadores na pesquisa para a questão socioambiental. Os resultados mostraram a preocupação das empresas com relação a adotar um novo processo produtivo que consuma menos energia e materiais de escritórios e resíduos gerados serem encaminhados para reciclagem ou reutilizados na própria empresa, porém, na prática, não há efetivação dessa intenção ou preocupação das empresas participantes nesta pesquisa.

No governo, o conceito de sustentabilidade ainda carece de políticas públicas contundentes e mecanismos de implantação e/ou fiscalização. Não existe legislação rígida com relação à proteção do ambiente. Nos encontros defendem-se critérios mínimos para concessão de crédito com projetos financiados desenvolvidos de forma social e ambientalmente responsável. O governo brasileiro atua, infelizmente, de maneira emergencial às crises e não se previne, nem se solidifica para evitar futuras crises. Em 2009, com a redução do IPI dos automóveis novos, estimulou a economia, porém não exigiram mudanças tecnológicas com menos poluentes das montadoras. Na construção civil, os projetos continuam com água potável para o encanamento de descarga de construções novas, bem como energia elétrica para aquecimento de água dos chuveiros. Evitar os desperdícios e implantar mecanismos para renovação dos recursos naturais ainda é pouco explorado pelo governo (ZYLBERSZTAJN, 2010).

A geração de valor a partir do conceito de sustentabilidade corporativa vem crescendo. Despertar para a reflexão e para a ação. Precisamos seguir um novo paradigma de desenvolvimento econômico e de novos padrões de consumo. O poder de induzir mudanças de comportamento nas empresas e nas cadeias de valor (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Esse estudo se propõe a ir além das mudanças forçadas que teremos que tomar para evitar falência das empresas, pelos altos custos que os recursos naturais vindos de concessionárias estão proporcionando. Os repasses desse aumento exorbitante colocará em ruínas muitas empresas, que não hajam por recursos próprios para se mantiverem abertas. A sustentabilidade socioambiental está intimamente ligada à sustentabilidade econômico-financeiras das empresas. O Brasil tem capacidade de se inovar a partir dos recursos naturais ainda existentes e superar esse desequilíbrio entre economia e ambiente. Apesar de difícil, a transição e mudança de hábitos/estilos de vida é fundamentação para garantirmos futuras gerações.

A ideia de desenvolvimento autossustentado deve ser estabelecida de acordo com os limites naturais. O desenvolvimento sustentável depende do efetivo planejamento e do reconhecimento de que os recursos naturais são finitos. Graças ao maior entendimento dos fatores que levaram à crise financeira mundial em 2008, houve o início na consolidação de um modelo econômico fundamentado no conhecimento das causas e dos efeitos devastadores com uma sequência de perdas, tanto social quanto ambiental (ZYLBERSZTAJN, 2010).

A proposta de pesquisar no modo inverso do atual trará uma nova abordagem para o tema, acelerando esse processo de transição. Cada vez mais, pequenas empresas envolvidas darão pequenos exemplos de como a população, em geral, pode transformar suas residências em pequenas empresas para economizar tanto os recursos, como diminuir os custos de suas contas. Com a economia apresentando índices de crescimento negativos, essa adequação será benéfica para essa fase de transição.

Jabour (2013) atenta sobre a importância da cadeia organizacional que deve ser seguida na gestão ambiental. Reduzir o consumo de materiais e componentes, reutilizar os materiais e componentes que ainda são úteis aos processos produtivos e, por fim, reciclar os materiais e componentes que não tiveram seu consumo reduzido, nem utilizado. Percebe-se, claramente, que a reciclagem, que é a última etapa, é a mais conhecida. Algumas medidas, quando bem aplicadas, podem trazer muitos benefícios ao nosso planeta, tais como: busca de soluções para o controle da poluição; projetos focados na redução do consumo de energia e de recursos naturais durante as operações; planejamento e controle com foco na redução de desperdícios e otimização da utilização de recursos; aquisição de tecnologias ambientais; preferência por compras verdes e critérios ambientais na seleção e manutenção de fornecedores; e, consolidação de embarques logísticos, seleção de meios de transporte mais limpos e embalagens logísticas recicláveis ou reutilizáveis.

A questão da sustentabilidade é uma variável fundamental na gestão empresarial e pública. Todos precisam se conscientizar para contabilizar as demandas por água, energia e recursos naturais com os estoques disponíveis e renováveis do planeta, bem como a capacidade para absorção de resíduos sólidos, efluentes e emissões atmosféricas. Na visão sustentável e proativa, a solução dos problemas deve ser encarada como maneira de reduzir custos/desperdícios/perdas e prevenir riscos para os negócios, conciliando ecologia com economia; as empresas precisam se antecipar às novas legislações em gestação, sempre mais rigorosas, tendo em vista a globalização da economia e a consolidação nas leis dos avanços das novas tecnologias disponíveis e economicamente viáveis; as oportunidades de negócios no campo ambiental podem representar forte diferencial diante dos competidores, ao lograr melhor acolhida entre clientes e investidores ambientalmente responsáveis; a excelência ambiental é a base para promover o marketing ecológico genuíno, que não deve ser confundido com qualquer propaganda (ZYLBERSZTAJN, 2010).

Fazer um comparativo entre grandes empresas com selo de sustentabilidade em segmentos variados dá um embasamento para que as pequenas empresas possam se espelhar em outra escala. Na região, temos exemplos que serviram como inspiração para adaptar para o universo das pequenas empresas.

O Shopping Dom Pedro, em Campinas/SP, por exemplo, possui a certificação 14001, o que significa que a empresa tem um reconhecimento internacional do interesse e responsabilidade pela defesa do meio ambiente. A empresa passa a ser identificada como uma organização capaz de identificar e administrar seus impactos ambientais, melhorar suas operações, reduzir custos e minimizar riscos de responsabilidades ambientais. Medidas adotadas pelo empreendimento: otimização de recursos naturais: todos os lojistas, colaboradores e prestadores de serviços do shopping passam por treinamento periódico, com o objetivo de adotar medidas para redução do consumo de água, energia elétrica e outros recursos naturais, além de práticas sobre Segurança e Saúde; ETE (Estação de Tratamento de Esgoto): o empreendimento conta com uma ETE própria, que permite tratar 100% do volume de efluentes do shopping, com uma eficiência de 99%. O volume seria suficiente para abastecer cidades com concentração de 15 mil habitantes. Do volume total tratado, 33% pode ser reutilizado no próprio empreendimento nas descargas sanitárias, irrigação de jardins e lavagem dos pisos, gerando uma redução de custos e significativa economia de água. O restante, após o tratamento, retorna às águas de um córrego, situado ao lado do empreendimento; as sobras de alimentos são reaproveitadas para a fabricação de ração animal; o óleo de cozinha das lojas da Praça de Alimentação, cerca de oito toneladas por mês, é encaminhado para a fabricação de massa de vidro; as cascas de laranja viram adubo orgânico; destinação correta de pilhas, bateria, lâmpadas, entre outros; incentivos aos fornecedores a adotarem práticas de sustentabilidade.

O escritório central de uma cooperativa de crédito em Bebedouro/SP se enquadra na categoria internacionalmente conhecida como “green building”. A empresa possui um certificado com selo AQUA, que é um referencial técnico para construção sustentável no Brasil. Em seu projeto, tudo foi pensado considerando o equilíbrio com o meio circundante, a começar pelo impacto visual do edifício na paisagem urbana da cidade. A orientação do edifício em relação à trajetória do sol assegura períodos adequados de sombreamento, visando reduzir a carga térmica dos ambientes internos e, conseqüentemente, o uso de ar condicionado e da energia correspondente, sem qualquer prejuízo ao conforto e à eficiência profissional da equipe. Foram projetadas áreas

internas com vegetação, espaços possíveis com ventilação e iluminação naturais. A preocupação ambiental voltou-se também na escolha dos materiais utilizados na construção, nos sistemas operacionais e nos equipamentos do edifício para proporcionar economia de energia e água.

Um projeto de desenvolvimento urbano em Bertioga/SP possui certificado 14001, além de representar um modelo de desenvolvimento urbano a ser seguido por novos loteamentos em todo o mundo. Ele capta, trata e distribui a sua água, obtendo índices zero de poluição das águas. Canais de drenagem limpos e a praia própria para banho. Possui sistema de gerenciamento de resíduos sólidos, onde é coletado mais de 12 toneladas por mês de recicláveis, evitando destiná-los a aterros sanitários. Manutenção das áreas verdes públicas, perpetuando assim, as características da flora local. Conta com amplos programas de remanejamento da fauna, ajudando a preservar os animais que vivem na região. O fluxo automotivo é facilitado através do sistema viário de rotatórias, não havendo congestionamentos. Há incentivo ao uso de bicicleta, com mais de 5 km de ciclovias, proporcionando menos poluição e mais saúde.

Resultados e Discussões

A amplitude do tema e diversos exemplos em execução na região podem ser seguidos pelas pequenas empresas. Um modelo específico é muito complexo para ser montado, visto que cada empresa é singular no espaço em que ocupa. O mais relevante para ser transmitido às pequenas empresas é a informação, educação, benefícios da mudança sustentável para suas empresas e futuras gerações.

Estudos revelam que uma empresa, ao adotar valores de sustentabilidade, tem capacidade para aumentar o seu valor de mercado em até 12%, seu lucro em até 38% e a produtividade em até 8%. Diante desses dados, o que fica de mais valioso é que a mudança de comportamentos e processos pode tornar a empresa mais competitiva e produtiva, diminuindo riscos e aumentando seu valor.

Já existem disponíveis centros e institutos que auxiliam e orientam como cada empresa pode adaptar o seu sistema em prol do equilíbrio ambiental e sustentável da sua organização. O alerta já vem sendo dado pela natureza. Começar economizando os recursos naturais, transformando as fontes esgotáveis por renováveis, estimulando empresas sustentáveis, entre outras medidas, é um início de um recomeço para o

progresso das pequenas empresas se sustentarem no mercado com mais qualidade, responsabilidade e compromisso com o presente futuro.

Seguindo esse raciocínio, podemos constatar que existem vários ciclos sustentáveis, de acordo com o interesse da empresa e as vantagens competitivas propostas a curto, médio e longo prazo. No caso da água, a escassez forçou a economia, adaptadores para modelar o fluxo da água, o reuso da água da chuva, uma ETE própria para devolver a água tratada, estimular outras empresas parceiras a fazerem o mesmo. Na utilização da energia elétrica, o custo elevado estimulou a economia, utilizar aparelhos mais econômicos, construção favorável à captação da luz, instalação de fontes renováveis para produzir seu próprio consumo em parceria com as concessionárias, estimular outras empresas a fazer o mesmo. E assim em diante. Cada recurso com um ciclo próprio, onde o resultado é a multiplicação de ideias, pesquisas, conhecimento, divulgação e implantação de sustentabilidade em todas as empresas que tenham pretensão de se manter no mercado. A proposta deste modelo é baseada em ciclos sustentáveis em cada setor, em que a escassez dos recursos leva a uma economia, alternativas de uso racional, geração de recursos e tratamento e reuso.



Considerações Finais

As empresas do século XXI estão desafiadas a se reinventar para sustentar a economia e o meio ambiente com uma balança bem equilibrada. Vimos que é possível e

que estamos lutando contra o relógio para implantar essa transformação. As futuras gerações dependem desse desempenho para que possamos voltar a crescer com consciência, respeito e uma nova geração de valor. Cada empresa é responsável pela sua permanência no mercado. Com a implantação de ciclos sustentáveis, a economia e o meio ambiente se harmonizarão para a sustentabilidade de modo geral.

Referências

- BARONI, Margaret. Ambiguidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n. 2, jun. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901992000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 set. 2014.
- JABOUR, Ana Beatriz Lopes de Sousa. **Gestão ambiental nas organizações: fundamentos e tendências**. São Paulo: Atlas, 2013.
- LEVESQUE, Benoît. Contribuição da nova sociologia econômica para repensar a economia no sentido do desenvolvimento sustentável. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 set. 2014.
- PIMENTEL, Themisa Araújo Barroso et al. Empreendedorismo sustentável: uma análise da implementação da sustentabilidade empresarial em micro, pequenas e médias empresas industriais atendidas pelo PEIEX – no NUTEC. Ceará, 2010. Disponível em: http://www.simpoi.fgv.br/arquivo/2010/artigos/E2010_T00412_PCN22879.pdf. Acesso em: 6 set. 2014.
- SICOOBREDICITRUS. **Relatório de Sustentabilidade**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.sicoobcredicitrus.com.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.
- _____. **30 anos em Revista**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.sicoobcredicitrus.com.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.
- SOUZA, Maria Tereza Saraiva de. Rumo à prática empresarial sustentável. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 4, aug. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901993000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 set. 2014.
- VILLALBA, Ana Isabel Calvo et al. **Enciclopédia do estudante: geografia do mundo**. São Paulo: Moderna, 2008.
- ZYLBERSZTAJN, David. **Sustentabilidade e geração de valor: a transição para o século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.